Isaac
Epstein
Mestre em Filosofia e Engenheiro Civil
Professor de Ensino Superior em São Paulo

O SIGNO

Editora
Ática

1
Signos, veículos de variedade

"*A Tragédia e a Comédia são feitas das mesmas letras* ..."

Aristóteles

Comunicação e variedade

O que significa dizer que um organismo se comunica com outro? Em certas circunstâncias determinados animais trocam sons, substâncias químicas ou posturas corporais e, nestes casos, dizemos que eles estão se comunicando.
No estudo da comunicação animal o único critério operacional viável para configurar a ocorrência da comunicação é a mudança ostensiva de comportamento.
Este fato possibilita definir a comunicação animal como a ação de um organismo que altera a probabilidade de ocorrência do padrão de comportamento em outro organismo.
Esta capacidade para a comunicação, por seu valor adaptativo em relação à sobrevivência, é, então, de algum modo, incorporada ao acervo genético do organismo.
Assim, pode-se dizer que a comunicação animal é fruto de um "aprendizado" da espécie e que cada indivíduo já nasce dotado dessa capacidade. Qual a variedade, ou seja, a capacidade de enviar mensagens diferentes, da comunicação animal?

Estudos de campo mostraram que os vertebrados não dispõem de um repertório maior do que 30 a 40 configurações unitárias de sinais capazes de transmitir mensagens.

Esses sinais podem ser constituídos de sons, posturas corporais, substâncias químicas etc. e variam de 10 em alguns peixes até o máximo de 37 no macaco rhesus. Também os insetos não possuem mais do que 10 a 20 categorias de sinais[1].

A comunicação humana não-verbal através de sinais paralingüísticos de cada cultura humana - os gestos das mãos e a postura do corpo, por exemplo - são mais ou menos comparáveis em número às configurações de sinais dos animais. O ser humano usa, em média, cerca de 150 a 200 desses "típicos" gestos enquanto comunica[2]; Se a cada configuração corresponder um "significado" diferente, é fácil verificar que a variedade a ser transmitida dessa forma é bastante limitada.

Como foi possível ao homem desenvolver a comunicação verbal, cuja capacidade para transmitir a variedade é praticamente ilimitada?

Um insondável mistério cerca tanto a origem da linguagem quanto da consciência humanas. " ... *Para que* em geral consciência, se no principal ela é *supérflua*? Ora, parece-me, se se quer dar ouvidos à minha resposta a essa pergunta e à sua suposição talvez extravagante, que o refinamento e a força da consciência estão sempre em proporção com a *aptidão de comunicação* de um ser humano (ou animal), e a aptidão de comunicação, por sua vez, mm proporção com a *necessidade de comunicação* .... "[3] e A suposição do filósofo poderá, no entanto, não parecer extravagante na medida em que encararmos o "tomar consciência de si" também como um tipo de comunicação, a comunicação intra-humana. A necessidade de comunicação e a aptidão para a comunicação inter-humana acabariam por desenvolver o mais refinado produto da comunicação intra-humana: a consciência de si[4].

A aptidão para a comunicação dependerá, no entanto, do desenvolvimento, pelo homem, de um instrumento dotado de um dispositivo capaz de transmitir não dezenas ou centenas de mensagens diferentes, mas uma quantidade de variedade praticamente ilimitada. Esse instrumento chama-se linguagem verbal e o dispositivo chama-se *dupla articulação*.

[1] WILSON, E. O. Animal communication. Scientijic American, 227(3) :57-8, set. 1972.

[2] Id. Sociobiology. Cambridge/London, The Belknap Press of Harvard University Press, 1975.

[3] NIETZSCHE. A Gaia Ciência. São Paulo, Abril, 1974, § 354, p. 224. (Col. Os Pensadores, v. XXXII.)

[4] Id., p. 225: " ... o homem inventor de signos é ao mesmo tempo o homem cada vez mais agudamente consciente de si mesmo ...

A dupla articulação

A dupla articulação é um traço que, segundo os lingüistas, caracteriza efetivamente todas as línguas naturais.

A primeira *articulação* da linguagem é aquela segundo a qual todo o "significado" que se deseja transmitir se analisa em uma seqüência de unidades, cada qual dotada de uma forma vocal e de um sentido. Essas unidades chamam-se *monemas* e são aproximadamente equivalentes às palavras, uma vez que as palavras nem sempre são, como os monemas, unidades mínimas de significado (as palavras: "inconveniente" ou "casarão" são constituídas de mais de um monema).

A combinatória de algumas dezenas de milhares dessas unidades possibilita a composição de um número praticamente infinito de frases ou discursos. No nível da primeira articulação a variedade é transmitida por uma seqüência linear de monemas que são verdadeiros *signos*, isto é, unidades de duas faces: o *significado*, que é o seu sentido ou seu valor diferencial, e o *significante*, que se manifesta fonicamente. Essa manifestação é constituída por unidades da segunda articulação, que se chamam fonemas. Os fonemas são unidades *sem significado* (não chegam, portanto, a ser signos) que se diferenciam, no sistema sonoro de uma língua, por oposição recíproca.

O número de fonemas de uma língua é fixo e geralmente de poucas dezenas. O número de monemas é variável, uma vez que as línguas estão constantemente renovando seu acervo.

Afinal, a linguagem verbal ou qualquer outro sistema de signos serve para transmitir um determinado número de significados diferentes. Para isso, o sistema de comunicação necessita ter a capacidade para transmitir a variedade em quantidade suficiente à demanda.

Se a comunicação é transmissão de variedade, esta variedade tem como veículo os signos. E o que são os signos? A essência do signo parece ser a de um ente mediato, isto é, "algo que está por outra coisa". Se, todavia, a cada coisa que se quisesse dizer correspondesse um som diferente, seria necessário produzir, distinguir e memorizar milhões de sons diferentes, o que seria de todo incompatível com as capacidades fonadora, auditiva e de memória do ser humano.

A economia da dupla articulação está em que, de um lado, a primeira articulação das linguagens naturais realiza uma codificação, onde um número praticamente infinito de mensagens distintas podem ser construídas a partir de algumas dezenas de milhares de unidades de significado, isto é, os monemas. Esta quantidade está plenamente ao alcance da memória humana.

A segunda articulação, por sua vez, possibilita a formação dessas dezenas de milhares de unidades a partir de apenas alguns poucos sons elementares destituídos de significado: os fonemas.

A dupla articulação foi o artifício ou dispositivo que o homem desenvolveu, por tentativa e erro,

"naturalmente", no decorrer de dezenas de milênios para transmitir um número muito maior de mensagens diferentes do que permite sua capacidade sensorial, de discriminar, ou fisiológica, de produzir estímulos sonoros diferentes.

Curiosamente, dentro das inúmeras diferenças entre as línguas e dialetos humanos conhecidos, a dupla articulação parece ser uma característica comum a todos. Daí a própria definição de linguagem verbal ser apoiada nesse conceito[5].

Supersignos

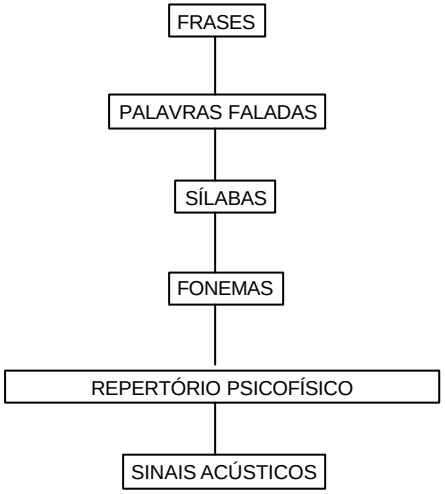
Descartes, em suas "Regras para a direção do espírito", refere-se a um método que "... aliviaria a memória, diminuiria a lentidão de nosso pensamento e ampliaria nossa capacidade mental ... ". Esse método possibilitaria a referida ampliação quando organizaria ou representaria muitos itens separados com uma única unidade, reduzindo, assim, a carga em nossa memória e deixando capacidade livre para nossa mente.

Essa reunião normalizada de signos elementares, aceita na memória perceptiva como um todo, é susceptível de ser designada por um "signo" que é chamado de supersigno. Assim, determinadas frases podem ser supersignos das palavras que as compõem, e também várias frases po dem ser substituídas por um supersigno.

Segundo Moles[6] o supersigno aparece como uma forma (Gestalt), como um meio de a mente reduzir a quantidade de informação bruta recebida do mundo exterior. Para esse fim os elementos são reagrupados de uma forma normalizada recebida da aprendizagem cultural. Assim, se as palavras são supersignos (conforme esquema abaixo), os timbres dos instrumentos musicais são supersignos de seus componentes harmônicos; os microgrupos sociais, os supersignos em relação aos indivíduos que os constituem etc.

[5] MARTINET, A. Elements de Linguistique Générale. Paris, Armand Colin, 1970. p. 20.

[6] MOLES, A. La communica/ion. Paris, Centre d'Étude et de Pro-• motion de la Lecture, 1971. (Col. Les Dictionaires du Savoir Moderne.)



Articulação dos códigos visuais

Ao contrário das línguas naturais, que são sempre sistemas de dupla articulação, os códigos visuais podem possuir apenas uma articulação (a primeira ou a segunda), possuir nenhuma ou possuir as duas.

Prieto[7] denominou de *semas* as unidades que correspondem a um enunciado lingüístico, de signos as unidades mínimas de significação (que correspondem aos monemas) e de figuras as unidades destituídas de significação (que correspondem aos fonemas). Temos, então, a seguinte correspondência entre a lingüística e os códigos não-lingüísticos:

	Lingüística	Códigos não-lingüisticos
Enunciado	Sintagma ou Frase	Sema
Unidades mínimas de significado	Monema	Signo
Unidades sem Significado	Fonema	Figura

Eco[8] sugere os seguintes tipos de códigos visuais:

A - CÓDIGOS SEM ARTICULAÇÃO - Contêm semas nao-decomponíveis.

A_1 - *Códigos de sema único*. Onde a presença do sema significa, mas sua ausência não tem necessariamente um significado alternativo. Ex.: A bengala branca do cego.

[7] PRIETO, L. *Mensagens e sinais*. São Paulo, Cultrix, 1973. p. 41. 8.

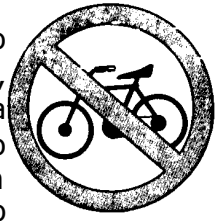
[8] ECO, U. *A estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva, 1980. p. 128.

A_2 - *Códigos de significante zero*. Ao contrário do anterior, tanto a presença quanto a ausência do sema significam. Ex.: Luz vermelha traseira que sinaliza a utilização do freio do automóvel. Sua presença significa "freio acionado" e sua ausência, "freio não-acionado".

A_3 - *Códigos com vários semas*. Ex.: Qualquer tipo de sinalização que utiliza apenas um algarismo, uma letra ou um sinal qualquer em cada sema.

B- CÓDIGOS QUE POSSUEM APENAS A SEGUNDA ARTICULAÇA0 - Os semas não são decomponíveis em signos, e sim em figuras as quais não representam frações de significado. Ex.: Linhas de ônibus ou qualquer outro tipo de sinalização composta de dois ou mais algarismos ou letras que; separadamente, nada significam. A linha 467 vai da localidade A até B, porém os números 4, 6, 7, isoladamente, nada significam.

C- CÓDIGOS QUE POSSUEM APENAS A PRIMEIRA ARTICULAÇÃO - Os semas são analisáveis em signos, mas não ulteriormente em figuras. Ex.: Linhas de ônibus ou qualquer outro tipo de sinalização composta de dois ou mais números ou letras, onde cada letra ou número tem um significado. Ex.: 34 é o número de um apartamento num edifício, onde o 3 significa 3.^{0} andar e o 4 uma determinada prumada. Placas de trânsito decomponíveis em elementos cada qual com significado próprio como, por exemplo, o signo de trânsito ao lado.



D- CÓDIGOS DE DUPLA ARTICULAÇÃO - Os semas são analisáveis em signos e, estes, em figuras. Ex.: Numerações de telefones em cidades onde cada grupo de dois algarisrnos indica um setor da cidade, um quarteirão, uma rua, segundo sua posição. Os algarismos isoladamente são destituídos de significação.

A utilização de códigos articulados pode fazer com que, além da informação trazida pelo sema, exista a informação parcial trazida pelos signos.

A numeração dos ônibus na cidade de São Paulo utiliza códigos que em certas linhas (diametrais e inter-regionais) são códigos de primeira articulação e, em outras (regionais e radiais), sao códigos, em parte, de primeira articulação e, em parte, de dupla articulação.

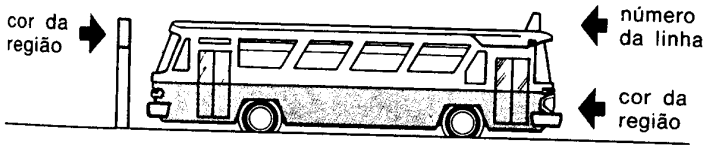
Podemos apreciar, por meio deste exemplo, como a utilização de um código de primeira ou de dupla articulação pode economizar o trabalho de memorização do usuário.

Uma divulgação mais intensa da forma com que é feita a codificação destas linhas seria do maior interesse da população. Deveria mesmo ser incluída no currículo do ensino do segundo grau.

Numeração de ônibus em São Paulo

Nos ônibus

A pintura e o número da linha indicam a região atendida.



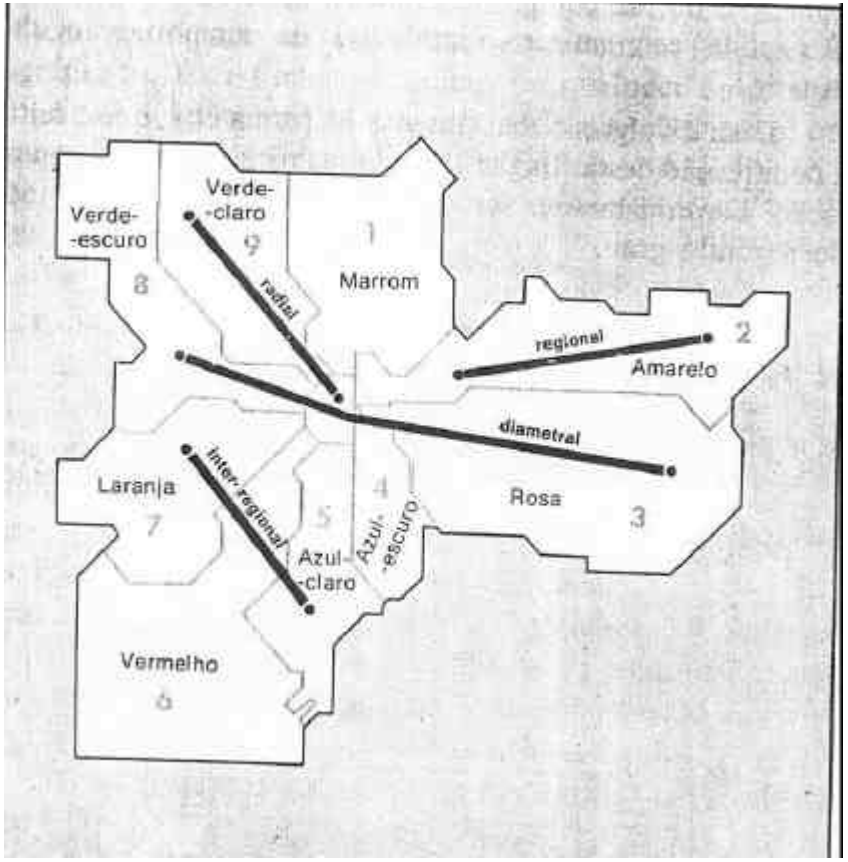
Nos pontos de parada

A parte superior terá a cor da região onde você se encontra (veja desenho acima). Se for ponto intermediário, aparecerá a lista das linhas que passam naquele ponto. Se for ponto terminal aparecerá o mapa de itinerário da linha.

Nos mapas

Aparecem ruas, avenidas, locais de interesse e número de linhas de ônibus.

Tipos de linhas



Regras de numeração

Linhas com 4 algarismos

Radial	Liga um bairro ao centro
Primeiro digito (2)	1 a 9: Indica a região através da qual a linha sai do centro
Segundo dígito (1)	1 a 6: na ordem crescente indica as saídas do corredor
Ultimos dois dígitos (94)	00 a 99: Indica a linha
2194	**Jd. Imperador**

Regional	Liga dois bairros da mesma região
Primeiro digito (2)	1 a 9: Indica a região atendida
Segundo dígito (0)	0: não integra com o Metrô
Ultimos dois dígitos (55)	00 a 99: Indica a linha
2055	**V. Progresso**

Linhas com 3 algarismos e 1 letra

Diametral	Liga duas regiões atravessando o centro
Primeiro digito (7)	1 a 9: Indica a região onde fica um ponto final
Segundo dígito (0)	0: Indica a linha diametral
Terceiro dígito (2) Letra (M)	1 a 9: Indica a região onde fica o outro ponto final A a Z: Indica a linha
702M	**V. Madalena**

Inter-regional	Liga duas regiões sem atravessar o centro
Primeiro digito (6)	1 a 9: Indica a região onde fica um ponto final
Segundo dígito (3)	1a 6: não Integra com o Metrô 7: Integra com o Metrô
Terceiro dígito (7) Letra (P)	1 a 9: Indica a região onde fica o outro ponto final A a Z: Indica a linha
637P	**Veleiros**

2

Signos, veículos de significado

"… o que perturba os homens não são as coisas mas os seus julgamentos sobre elas ..."

Epiteto

O que é o signo

Os signos são entidades tão centrais e importantes em semiótica quanto os átomos em física, as células em biologia ou os números em matemática.

Dizer o que é o signo na concepção clássica de uma definição: ***per genus proximum et differentiam specificam*** e classificar as várias modalidades ou espécies de signos tem sido uma preocupação constante no trabalho dos filósofos ao longo da História. As redes conceituais destinadas a captar necessária e suficientemente os atributos dos signos têm sido às vezes arbitrárias, e os termos mais usados para designar as espécies de signos como "símbolos", "sinais", "índices" etc. não têm o mesmo sentido para os vários autores que tratam do assunto.

Resulta disto que as classificações propostas dos signos são contingentes e freqüentemente contraditórias. Este fato é, em boa parte, devido à falta de uma nomenclatura unívoca e universalmente aceita.

Se procurarmos, não obstante este fato, pelo menos um invariante nas várias definições propostas de signo, algumas das quais estão na seqüência deste capítulo, talvez o mais freqüente fosse: "... signo é algo que está por outra coisa ...".

O signo como elo de uma mediação trará então necessariamente pelo menos dois (ou mais) entes que intervirão no processo semiótico.

Esse processo pelo qual transitam os significados ou os sentidos, o modo pelo qual os signos se organizam em códigos ou em linguagens, constitui tema central de qualquer teoria da comunicação.

Sobre o signo

Seguem algumas apreciações de filósofos e estudiosos da linguagem sobre o nosso tema:

> "... Três coisas, segundo os estóicos, estão mutuamente ligadas: 1) o significante ou signo; 2) o significado; e 3) aquilo que existe. O significante é o som, por exemplo, o som 'Dion'. Aquilo que existe é o objeto externo, que no mesmo exemplo seria o próprio Dion. Estes dois - o som e aquilo que existe - são corpos ou objetos físicos. O terceiro fator, no entanto, não é um corpo. É descrito como uma entidade indicada ou revelada pelo som e que apreendemos como subsistindo em nosso pensa-

mento ..." [9]

"... Pois o signo é uma coisa que acima e fora da impressão que causa nos sentidos faz algo diverso aparecer na mente, como conseqüência de si: como quando vemos uma pegada, concluímos que um animal ao qual pertence essa pegada passou por aí; e quando vemos fumaça sabemos que há fogo por baixo; quando ouvimos a voz de um homem, pensamos no sentimento em sua mente; e, quando soa a trombeta, os soldados sabem que devem avançar, retirar ou o que quer que seja exigido pelo estado da batalha ..." [10]

"... O bem-estar e a vantagem da sociedade não sendo realizáveis sem comunicação de pensamentos, foi necessário ao homem desvendar certos sinais sensíveis externos, por meio dos quais estas idéias invisíveis. das quais seus pensamentos são formados. pudessem ser conhecidas dos outros ...." [11]

"... Tão cedo um homem foi reconhecido por outro como um ser que pensa e é semelhante a ele, o desejo ou a necessidade de lhe comunicar seus sentimentos lhe fez procurar os meios. Esses meios não podem ser tomados senão dos sentidos, os únicos instrumentos pelos quais um homem pode agir sobre outro. Eis então a instituição dos signos sensíveis para exprimir o pensamento. Os inventores da linguagem não fizeram este raciocínio, mas o instinto lhes sugeriu a conseqüência ... " [12]

"... Um signo ou *representâmen* é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que tenho, por vezes denominado o fundamento do representâmen ... " [13]

"... Um 'signo' é, de início e acima de tudo, signo de alguma outra coisa, particularidade que nos interessa desde logo, pois parece indicar que um 'signo' define-se por uma função. Um 'signo' funciona, designa, significa. Opondo-se a um não-signo, um 'signo' é portador de uma significação..." [14]

[9] Sexto Empírico. Adv. Mat., VIII, 11.

[10] Santo Agostinho. Sobre a doutrina cristã. Liv. 11, capto 1.

[11] Locke, John. An essay concerning human understanding. Chicago/Toronto/London, Encyclopaedia Britannica, 1952. (Col. Great Books.)

[12] Rousseau, J.J. Ensayo sobre el origen de las lenguas. Buenos Aires, Calden, 1970.

[13] Peirce, C. S. La ciencia de la Semiótica. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974.

[14] HJELMSLEV, L. T. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo, Abril, 1975. (Col. Os Pensadores, V. XLIX.)

"... Qualquer objeto material, ou propriedade de tal objeto, ou um evento material transforma-se em signo quando, no processo da comunicação, serve, dentro da estrutura da linguagem adotada pelas pessoas que se comunicam, ao propósito de transmitir certos pensamentos acerca da realidade, isto é, acerca do mundo exterior, ou acerca de experiências interiores (emocionais, estéticas, volitivas etc.) de qualquer das pessoas que participam do processo de comunicação ...." [15]

"... Resumida deste modo, a teoria dos signos parece altamente abstrata, mas de fato, não o é, nem necessita ser nada de parecido. Ocupa-se de uma larga variedade de fenômenos que se encontram no dia-a-dia e que têm apenas um ponto comum: todos eles são signos que representam outra coisa, e que sugerem o que quer que seja para além deles próprios ...." [16]

"... Como último comentário sobre a definição do signo, deve-se observar que a teoria geral dos signos não deve comprometer-se com nenhuma teoria específica do que está envolvido em explicar algo pelo uso de um signo. Na verdade, pode ser possível considerar a explicação mediata como o único termo primitivo para o desenvolvimento axiomático da semiótica ..." [17]

"... SIGNO - Junto com Peirce, entendemos por signo algo que responde por outra coisa, que representa outra coisa, e que é compreendido ou interpretado por alguém. Assim, um signo é uma relação de três membros, ou triádica, composta pelo signo como meio (relação signo-meio M), pelo objeto designado (relação signo-objeto O) e pela consciência interpretadora, o intérprete ou o signo interpretante (relação signo-interpretante). O signo não é pois um objeto com propriedades, mas uma relação ...." [18]

"... Propomos, destarte, definir como signo tudo quanto, à base de uma convenção social previamente aceita, possa ser entendido como ALGO QUE ESTA NO LUGAR DE OUTRA COISA ..." [19]

O que é o significado

Segundo Epiteto, escravo-filósofo do primeiro século, temos que distinguir entre as coisas que dependem de nós e as que não dependem. Apenas atendendo ao que depende de nós poderemos atingir a verdadeira tranqüilidade do sábio. Tudo podemos perder, diz Epiteto: saúde, família, fortuna, amigos, reputação e a própria

[15] SCHAFF, A. Introdução à Semântica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
[16] ULLMANN, S. Semântica. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.
[17] MORRIS, C. Fundamentos da teoria dos signos. Rio de Janeiro/São Paulo, Eldorado Tijuca/Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
[18] BENSE, M. e WALTER, E. La Semiótica. Barcelona, Anagrama, 1975, p. 155.
[19] Eco, U. Tratado geral de Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1980. p. 11.

vida. Nossas opiniões, nossos julgamentos, no entanto, são nossa propriedade exclusiva. Não importa quais sejam as coisas ou os fatos, somos senhores de uma opinião ou de um julgamento sobre eles. O uso dessas representações depende só de nós.

Controlamos ou podemos controlar nossas opiniões ou julgamentos ainda que não possamos controlar as coisas ou os fatos. Aí reside então a verdadeira liberdade do sábio.[20]

O que são, no entanto, nossos julgamentos e nossas opiniões sobre os fatos, senão, de algum modo, o que estes "significam" para nós.

A transmissão de significados constitui o fluxo intersubjetivo pelo qual circula a cultura. A experiência vivida, o real sentido, percebido ou compreendido, o mundo do real ou do imaginário, das teorias científicas ou dos mitos, enfim, da viglia ou do sono, é mediado de homem a homem por entes concretos capazes de impressionar nossos sentidos: os signos.

Estes, porém, apontam para fora de si, são presenças que marcam ausências, e são precisamente estas ausências, ou seja, os "significados" destes signos, aquilo que constitui a seiva da cultura humana.

A própria produção, circulação e consumo de bens e serviços, em suma, a própria "necessidade" destes bens e serviços para além do limite da mera sobrevivência biológica, está intimamente vinculada ao que estes bens e serviços "significam" em determinada cultura ou civilização.

Segundo Peirce, um signo é signo quando há alguém que possa interpretá-lo como signo de algo. O significado é então a interpretação desse signo, que, por sua vez, indica um objeto.

O significado é a "outra" face do signo, a face invisível, a "outra coisa" pela qual está o "algo".

Expressão e conteúdo, significante e significado são os correlatos da função sígnica na semiologia de raiz saussureana. O signo significa, isto é, aponta para fora de si (tomando-se aqui o signo como equivalente à sua expressão ou significante, para opô-lo ao conteúdo ou significado).

As semióticas de influência peirceana preferem empregar três termos como correlatos da função sígnica, e sua origem remonta à semiótica dos estóicos. A representação gráfica usual dessas tríades é feita pelo conhecido triângulo semiótico.

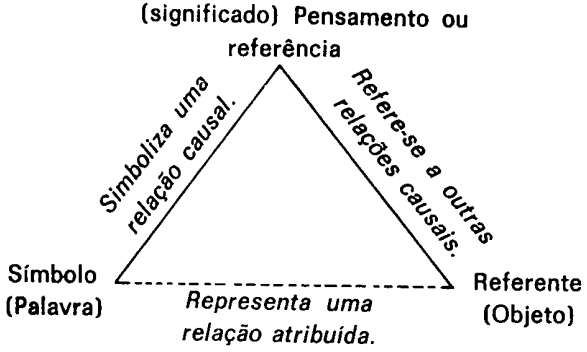
O triângulo semiótico

Vimos já, no comentário de Sexto Empírico, como os estóicos interligavam três entidades à função sígnica: o significado que subsiste em nosso pensamento, o símbolo e o referente externo.

[20] EPITETO. Entretiens. In: Les stoiciens. Paris, Gallimard/Pléiade, 1962. p. 1027.

Para os estóicos, o referente e o símbolo eram ambos realidades corporais, como aliás todas as outras entidades do mundo, uma vez que eles eram materialistas. O significado, todavia, era um dos quatro únicos "incorporais" admitidos pelos estóicos. [21]

Ogden e Richards [22] ilustram a relação entre estas três entidades semióticas por meio de um triângulo:



O referente é o objeto denotado, é o elemento constante no significado, não obstante este último poder variar eg[undo] a apreensão subjetiva.

s A objetividade do referente não é suficiente para determinar o significado de um símbolo.

O significado pode variar, mesmo quando tanto o símbolo como o referente permanecem inalterados (até mesmo quando apontamos e dizemos "esta casa", o significado desta expressão pode variar).

Essas variações são explicadas pelo fato de o referente, em geral, ter mais de um atributo ou característica. Em contextos diferentes os atributos mais relevantes do referente podem variar em relação aos pontos de vista ou objetivos de quem fala.

O significado de uma palavra depende de quem a usa, quando a usa, onde, com que objetivos, em que circunstâncias e com que sucesso, ou, como diz Wittgenstein: " ... Para um grande número de casos - se bem que não para todos - nos quais empregamos a palavra 'significado', este pode assim ser definido: o 'significado' de uma palavra é o seu uso na linguagem ... " [23]

No triângulo de Ogden e Richards, a relação entre o símbolo e o significado (a referência) é causal no sentido de que o símbolo deve servir (pelo menos em parte) à referência que se tem em mente, à finalidade que se persegue ao fazer tal referência etc.

[21] Além do significado ou o "exprimível" (lekton), como era chamado, os estóicos admitiam mais três incorporais: o vazio, o lugar e o tempo, conforme BRÉHIER, E. Théorie des Incorporeis. Paris, Picard, 1907.

[22] ÜGOEN, C. K. e RICHAROS, I. A. The meaning of meaning. London, Routledge, Kegan, 1923.

[23] WITTGENSTEIN. Philosophical investigations. Oxford, Basil BlackwelI, 1958. v. I, p. 43.

Na relação entre a referência e o referente também existem relações causais, pois pensamos e nos referimos sempre a "algo", seja este algo um objeto inteligível ou um objeto sensível.

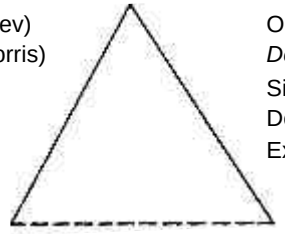
Mas, como diz Eco: "... As semióticas de Saussure e Peirce são respectivamente teorias da relação 'semiótica' entre símbolo e referência (ou significado) e entre signo e a série de seus interpretantes. Os objetos não são levados em consideração, por Saussure, e, no quadro teorético de Peirce, só entram quando se discutem tipos particulares de signos como os índices e os ícones ...". [24]

A relação entre o símbolo e o referente é, em geral, nas línguas naturais, arbitrária, ou, como diz Saussure, imotivada. Esta relação é, porém, direta nos signos analógicos ou icônicos ou motivados. Neste último caso, ao contrário do primeiro, a base do triângulo semiótico não necessitaria ser pontilhada.

Para ter-se uma idéia da falta de uniformidade na nomenclatura utilizada para designar entidades semióticas reproduzimos [25] abaixo o mesmo triângulo onde vemos as diversas denominações e seus respectivos autores, mas que correspondem aos mesmos vértices.

Interpretante (Peirce)
Referência (Ogden e Richards)
Sentido (Frege)
Intensão (Carnap)
Designatum (Morris, 1938)
Significatum (Morris, 1946)
Conceito (Saussure)
Conotação, *Connotatum* (Stuart Mill)
Imagem mental (Saussure, Peirce)
Conteúdo (Hjelmslev)
Estado de consciência (Buyssens)

Expressão (Hjelmslev)
Veículo sígnico (Morris)
Signo (Peirce)
Símbolo (Ogden e Richards)
Sema (Buyssens)



Objeto (Frege, Peirce)
Denotatum (Morris)
Significado (Frege)
Denotação (Russell)
Extensão (Carnap)

Denotação e conotação

Guilherme de Occam (1298-1349) introduziu a distinção entre nomes conotativos e nomes absolutos.

Os nomes absolutos significam tudo do mesmo modo e os nomes conotativos, ao contrário, significam de um modo principal e de um modo secundário.

Na lógica moderna tem-se equiparado o termo

[24] Eco, U. Tratado geral de Semiótica, cit., p. 50-1.
[25] Eco, U. O Signo. Lisboa, Presença, s.d. p. 31.

"conotação" aos termos "intensão" ou "compreensão", e "denotação" a "extensão"!

A extensão ou denotação de um conceito refere-se aos objetos que são abrangidos por este conceito. Assim, por exemplo, extensão ou denotação do termo "brasileiro" é a classe composta por todos os indivíduos que têm a nacionalidade brasileira. Diz-se então que a extensão de um termo é a classe de objetos denotados por esse termo.

A intensão ou conotação são os outros significados secundários que podem ser atribuídos ao termo. A conotação do termo "brasileiro" pode ser, por exemplo, a de um "povo afavel" etc. ...

Um exemplo antológico é a distinção feita por Frege ao afirmar que há predicados que possuem a mesma extensão (Bedeutung), porém significações diferentes (Sinn). Seu exemplo é o do planeta Vênus (denotação) e que pode ter o significado de estrela matutina ou estrela vespertina.

Pode-se observar uma relação inversa entre a denotação e a conotação, isto é, quanto maior a abrangência da extensão menor será a conotação e vice-versa. Assim o termo "homem" denota mais e conota menos que o termo "brasileiro" (ou qualquer outra nacionalidade).

Hjelmslev [26] distingue três semióticas: as semióticas denotativas, as semióticas conotativas e as metassemióticas.

[26] HJELMSLEV, L. T. Op. cit., p. 212.

As semióticas **denotativas** compreendem os planos da expressão (significante) e do conteúdo (significado), sem que nenhum destes planos seja, por sua vez, uma semiótica.

As semióticas **conotativas** são aquelas cujo plano da expressão é constituído por uma semiótica, e as metassemióticas são aquelas cujo plano do conteúdo é constituído por uma semiótica.

A semiótica conotativa corresponde, portanto, ao esquema:

(2) (1)

Expressão		Conteúdo
Expressão	Conteúdo	

Assim, a semiótica denotativa no plano (1) pode corresponder, por exemplo, à de um manual de instruções de um aparelho eletrodoméstico, onde a expressão corresponde aos termos utilizados e o conteúdo, às operações de manipulação correspondentes.

A semiótica conotativa no plano (2) será a de fazer corresponder a esse texto (manual de instruções), enquanto conteúdo, uma nova expressão como "estilo manual de instruções". Hjelmslev exemplifica como conotadores: as diversas formas estilísticas, os diversos dialetos de uma língua etc ....

A metassemiótica, por sua vez, corresponde ao esquema:

(2)	Expressão	Conteúdo	
(1)		Expressão	Conteúdo

Onde, ao nível (1) corresponde, como no caso anterior, uma semiótica denotativa e ao nível (2), uma metassemiótica, isto é, uma semiótica cujo plano do conteúdo é constuído por outra semiótica.

Assim, este próprio livro sobre o signo, isto é, sobre "algo" (expressão) que "está por outra coisa" (conteúdo), é uma metassemiótica no sentido de o seu plano de expressão (o seu texto) ter como conteúdo uma descrição de como, em geral e em certos casos, a expressão dos signos corresponde a determinados conteúdos.

Assim, podemos dizer que o resultado de um exame de laboratório pode denotar a composição celular ou química do sangue e conotar o estado normal ou patológico do paciente, conforme o caso.

Barthes [27] afirma que: "... o futuro sem dúvida pertence a uma lingüística da conotação, pois a sociedade desenvolve incessantemente, a partir do sistema primeiro que lhe fornece a linguagem humana, sistemas de segundos sentidos, e essa elaboração, ora ostentada, ora mascarada, toca muito de perto uma Antropologia Histórica ...".

Tanto os esquemas das semióticas conotativas, como os das metassemióticas podem ser superpostos, podendo-se pensar em graus sucessivos de conotação e de metassemióticas.

Assim, ainda segundo Barthes: "... nada impede em princípio que uma metalinguagem se tome, por sua vez, linguagem-objeto de uma nova metalinguagem; seria o caso da semiologia, por exemplo, no dia que fosse 'falada' por outra ciência ...". [28]

[27] BARTHES, R. Elementos de semiologia. São Paulo,. Cultrix, 1971. p. 96.

[28] 20 Id., p. 98.